

O BOI BRASILEIRO DO METANO: VILÃO OU HEROI?

¹Nelson Pineda

A mais nova barreira não tarifária imposta à pecuária brasileira é o *boi do metano*. Informações banalizadas pela mídia contribuem de mais em mais a acentuar falhas de comunicação existentes entre os diversos setores da cadeia produtiva colocando a carne bovina como a grande vilã do desenvolvimento sustentável. Inúmeras publicações falam sobre a quantidade de metano emitida pelos bovinos, colocando que a cadeia da carne é um perigo para o ambiente, protestando contra o consumo da carne alimento e utilizando os meios de comunicação como propaganda para grupos minoritários que protestam. Até algumas autoridades fazem coro, na maioria dos casos sem fundamentos técnicos, e passearam em Copenhague teorias construídas à luz de um obscurantismo medieval. Mas será que os gases de efeitos estufa (GEE) oriundos da fermentação entérica dos bovinos são os verdadeiros vilões desta história, os únicos culpados? Será que o bovino brasileiro é o grande responsável pela emissão de gás metano? Quais são as outras fontes de emissão?

Dentre os vários GEE, a agricultura e a pecuária contribuem de forma significativa com a emissão de três deles: carbônico, metano e óxido nitroso. A emissão desses gases é proveniente, principalmente, da fermentação entérica de ruminantes, do tratamento anaeróbico de resíduos de animais, do cultivo de arroz irrigado por inundação, de queimadas e desmatamento, do uso de fertilizantes nitrogenados (sintéticos ou orgânicos), da fixação biológica do nitrogênio e da adição ou depósito de dejetos animais no solo. Mas, esquecemos dos grandes aterros sanitários nas mega cidades, dos pântanos, dos mangues, do rio Tiete e Pinheiros dos outros ruminantes, do porco, do frango, do nosso bicho de estimação e de nós mesmos. Viva o vegetarianismo em um país com desnutrição infantil....

É necessário admitir que a pecuária brasileira gera metano, com um rebanho de 185 milhões de cabeças. Foi amplamente divulgado que a fermentação entérica do rúmen dos bovinos em 2005 foi responsável por 12% de todas emissões de GEE do Brasil e 53% dos gases emitidos por sistemas agropecuários. Já a produção de metano pela fermentação entérica representa 93% da produção total destes gases, sendo a pecuária de corte responsável por 82%.

Mas o valor definitivo destes dados precisa ainda de confirmações e de estudos mais aprofundados levando em consideração sistemas de produção e sazonalidade da pecuária brasileira. Dados publicados pela FAO em 2008 mostram que a concentração de metano na atmosfera apresentava uma estabilização entre os anos 1996 e 2006, enquanto que no mesmo período a população de ruminantes aumentava no mundo. A FAO sugere também uma taxação da pecuária brasileira e alerta que a elevação constante da produção animal se traduz em enormes pressões sobre a saúde dos ecossistemas, a biodiversidade, os recursos em terras e florestas e na qualidade da água, além de contribuir de maneira significativa para o aquecimento do planeta. Porém, quem

vai atender à demanda mundial de carne bovina? Estamos diante de um paradoxo. Não se trata mais de evitar a discussão e sim, de colocar na luz de dados com comprovação irrefutável a verdadeira contribuição dos bovinos brasileiros ao efeito estufa e de traçar estratégias de manejo nutricional, uso de aditivos e a própria seleção de animais menos poluentes. Atualmente, a pesquisa brasileira está gerando conhecimentos para enfrentar este desafio.

Relatório de referência sobre as emissões de metano pela pecuária, realizado pela EMBRAPA em 2006 relatam a escassez e indisponibilidade de dados necessários à caracterização das populações de gado (distribuição por categoria, pesos vivos, consumo e digestibilidade de alimentos, entre outros parâmetros) e relatam a incerteza significativa na estimativa de emissões dos relatórios publicados. Ainda ressalta a necessidade de efetuar estimativas em um nível de maior detalhe, estratificando-se as categorias e subpopulações de bovinos de acordo com os sistemas de produção praticados nas diferentes regiões do país, a fim de relacionar informações zootécnicas com componentes socioeconômicos.

Apesar do impacto da pecuária na emissão de metano, a principal atividade emissora de GEE é a conversão de áreas de florestas em sistemas agropecuários, representando 52% das emissões brasileiras, sendo, em grande parte, atribuídas à pecuária de corte devido aos desmatamentos para a implantação de pastagens. A verdadeira pecuária empresarial e sustentável, não precisa desmatar para dobrar a produção de carne no Brasil. Precisa sim, de aplicação de tecnologia, de recursos na base produtiva, e de investimentos como aqueles feitos pelo BNDES na indústria frigorífica.

Diversos estudos têm demonstrado o potencial benéfico das pastagens em acumular carbono no solo através da matéria orgânica chegando a ser igual ou superior ao que acontece na vegetação nativa. Entretanto, a maioria dos estudos relacionados às emissões de gases não considera este potencial significativo, sendo que o Brasil possui aproximadamente 173 milhões de hectares de terra sob pastagem. Mesmo considerando as degradações existentes, uma parte delas bem manejadas, tem um efeito positivo que precisa ser considerado no balanço final como fator de mitigação da emissão do metano pelo bovino.

Diante das perspectivas mundiais, o Brasil é o único país com possibilidades reais de aumentar a produção mundial de carne bovina. Nestas projeções de cenários, o pecuarista brasileiro será responsável pelo fornecimento global da carne bovina para a humanidade em 2050. Nenhum outro segmento da sociedade tem este desafio: produzir carne com segurança alimentar, a baixo custo e compatível com a exigência mundial de sustentabilidade. Podemos afirmar que temos caminhos a serem trilhados com inovações tecnológicas e conhecimentos sendo gerados e que temos respostas consistentes para atender à exigência de colocar a pecuária brasileira na vertente da sustentabilidade. O que coloca o boi brasileiro vilão do metano como boi herói do futuro.